

Susan Fugita

TURISMO CULTURAL:

Um estudo de caso sobre a economia criativa na Vila de Paranapiacaba

CELACC/ ECA - USP

2012

Susan Fugita

TURISMO CULTURAL:

Um estudo de caso sobre a economia criativa na Vila de Paranapiacaba

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação da Prof. Dra. Soledad Galhardo.

CELACC/ ECA - USP

2012

Agradecimentos

Mais um grande passo a ser dado. Uma etapa vencida. O conhecimento nos parece nunca ser suficiente, e talvez por isso, estamos sempre sedentos por algo novo. O tempo pareceu passar rápido demais, para tantas coisas novas a serem estudadas. Neste processo, agradeço primeiramente à Universidade de São Paulo e ao CELACC por nos oferecer o curso. Aos professores, que estiveram presentes em todo o processo de conhecimento. Em especial, à minha orientadora Prof. Dra. Soledad Galhardo pelo encaminhamento na pesquisa. Por fim, um agradecimento àqueles que batalham diariamente por uma sociedade mais justa e mais acessível a todos.

Sumário

Introdução	2
1 A Vila de Paranapiacaba	3
1.2 Atrativos locais	4
2 Identidade Cultural	6
3 Economia Criativa e Políticas Públicas	7
3.1 Plano Patrimônio de Paranapiacaba	9
4 Análise dos Dados	11
4.1 Entrevista com moradores	13
Considerações Finais	15

TURISMO CULTURAL:

Um estudo de caso sobre a economia criativa na Vila de Paranapiacaba

Resumo: Esta pesquisa possui como objeto de estudo a vila de Paranapiacaba. Em 2002, a vila foi comprada pelo município de Santo André e, assim, um novo planejamento de políticas públicas, denominado Plano Patrimônio Paranapiacaba, foi implantado. Ele envolve questões de sustentabilidade sócio-econômica, cultural e ecológica. Por meio de um estudo de caso, envolvendo revisão de literatura, análise de documentos e de observação da vila, pretendeu-se avaliar o quanto a população esteve presente neste planejamento, focando nas reais potencialidades locais para um desenvolvimento econômico aliado à cultura local.

Palavras Chaves: Sustentabilidade, Cultura, Políticas públicas.

Abstract: This research has as object of study the village of Paranapiacaba. In 2002 the village had been bought by the municipality of Santo André, and thus a new public policy planning was implemented, Heritage Paranapiacaba Pan. It involves issues of socio-economic, cultural and ecological sustainable. Through a case study involving literature review, document analysis and observation of the village, it has intended to evaluate how the population have been present in the planning, focusing on the real potencial for local economic development with the local culture.

Key Words: Susteinability, Culture, Public Polices

INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade em crescimento em todo mundo. O desenvolvimento da atividade turística em uma região pode colaborar para o desenvolvimento sócio-econômico da localidade, melhorando aspectos de infra-estrutura de uma cidade e proporcionando uma melhoria na qualidade de vida da população. Porém, em casos onde a atividade não é bem desenvolvida e planejada, pode ocasionar grandes impactos, como a degradação ambiental ou a invasão de outras culturas na localidade, trazendo grandes transtornos no local.

Assim, é crescente a preocupação de desenvolver atividades sustentáveis, onde seja possível conservar o patrimônio natural, cultural e até imaterial de um pólo receptor de turistas. Esta preocupação faz surgir diversas segmentações da atividade, e, com a colaboração de intervenções e planejamentos públicos, é possível construir organizadamente uma destinação, sem causar impactos negativos em seu desenvolvimento.

Nesta pesquisa, foi feito um estudo de caso sobre a vila de Paranapiacaba, que visou identificar e estudar **o envolvimento da comunidade no planejamento das políticas públicas e o aproveitamento das potencialidades locais para o desenvolvimento econômico local**. Por meio deste estudo foi possível uma avaliação dos planos criados à vila e, identificar se a população sente-se integrada no processo.

A vila de Paranapiacaba possui um potencial turístico, seja pelo seu patrimônio histórico, seja pelas belezas naturais, e, também pelos eventos criados para tal finalidade. O local é protegido pelos órgãos de proteção patrimonial (IPHAN, CONDEPHAAT e COMDEPHAAPASA), além de ser candidata a patrimônio da humanidade.

Analisando o histórico dos locais protegidos, em nível nacional, vê-se um grande descaso e abandono na maioria dos casos. Paranapiacaba se destaca como um caso à parte, aonde, após anos dentro desta realidade de descaso, vem procurando formas de melhorar sua infra-estrutura e, também, de trazer turistas mais conscientes à região. É importante estudar os novos modelos de planejamentos públicos para o turismo cultural, pois mostrará se está trazendo retornos tanto para os interessados no mercado como também para a comunidade. Afinal, para o desenvolvimento econômico sustentável ocorrer, os moradores devem estar incluídos no processo e toda cultura e história do local considerada no processo. Somente com a participação efetiva da população é que poderemos alcançar uma relação turista - morador emancipatória.

O objetivo geral deste projeto visou analisar como a economia da cultura foi aproveitada para o desenvolvimento da atividade turística na Vila de Paranapiacaba.

Em relação aos objetivos específicos podem-se citar:

- a) Análise do Plano Patrimônio da Vila de Paranapiacaba, incluindo projetos voltados à comunidade, como o projeto “Portas Abertas”;
- b) Estudos sobre a atual situação da vila em relação a atividade turística, ao grau de satisfação da população com as políticas implementadas, e a sustentabilidade da vila;
- c) Análise das reais potencialidades locais, independente das ações já implementadas, levando em consideração a cultura local e as peculiaridades da região.

Por fim, a principal hipótese desta pesquisa é de que as ações governamentais colaboraram para a iniciativa de um turismo cultural sustentável, criando assim um cenário onde a economia criativa se desenvolveu de forma satisfatória. As ações e o planejamento se deram de dentro para fora, ou seja, foram tomadas de acordo com as peculiaridades da região, levando em consideração as atividades já existentes e os anseios da própria população.

1 A VILA DE PARAPIACABA

Situada no alto da Serra do Mar, o município que detém a sua administração é a de Santo André, através da subprefeitura de Paranapiacaba e Parque Andreense. A vila foi comprada em 2002, e o grande objetivo da administração pública local é a de transformar Paranapiacaba em um pólo receptor de turistas, através de ações de melhorias na infraestrutura e também da capacitação dos moradores para se adaptarem a uma nova realidade que se apresentará. (MORETTO NETO, 2005)

A vila se desenvolveu a partir da construção da primeira ferrovia paulista e com construções históricas, uma estação-museu com exposições da época de seu funcionamento e com um grande atrativo natural, vem chamando atenção para se criar mais atrativos, desenvolvendo-se como pólo receptor de turistas de curta distância. Foi um local que sofreu com o abandono, pois, após a decadência do transporte ferroviário em conjunto com as crises das produções cafeeiras, a vila foi perdendo a importância, muitos de seus moradores foram migrando para outras localidades, e, então, se tornando uma região abandonada e sem a influência de políticas públicas governamentais. (Prefeitura Municipal de Santo André, 2012)

A partir de 2002, com o início da administração pelo município de Santo André, se iniciam alguns projetos para a revitalização e o desenvolvimento turístico local sustentável. Divididos em Planos de Conservação Cultural, Natural e desenvolvimento Social da região, a subprefeitura investe para existir uma maior conscientização da população, para a melhoria da

infra-estrutura, e, também, para criar formas de atrair o público. Estas estratégias são elaboradas juntamente com os órgãos de preservação do patrimônio cultural, com a parceria de conselhos municipais, universidades, e com a comunidade. (MORETTO NETO, 2005)

Em conjunto com os projetos de revitalização surgem festividades culturais a fim de atrair a atenção de turistas, pois os atrativos locais são importantes, mas outros acontecimentos programados também são para o desenvolvimento da atividade. O turismo não era uma atividade vista com bons olhos pelos moradores locais, pois o principal grupo de turistas eram mochileiros, os quais não se preocupavam com a degradação que causavam ou com os transtornos para com os moradores, além de não movimentar a economia regional por não consumirem os produtos da vila. Os novos projetos locais de desenvolvimento visavam também a participação da comunidade e a sustentabilidade, evitando assim situações como as já citadas de abandono e desprezo à atividade turística. (MORETTO NETO, 2005)

Um dos planos é o Plano Patrimônio de Paranapiacaba, onde há uma análise dos recursos existentes e posteriormente a formulação de ações de curto, médio e longo prazo, relevando os patrimônios locais e a cultura e o bem-estar da população. Um calendário de eventos culturais foi elaborado com a finalidade de atrair um público que realmente se interessasse pelo local e suas festividades, trazendo retornos financeiros e movimentando a economia local. (MORETTO NETO, 2002)

1.2 Atrativos locais

Os principais atrativos de paranapiacaba são divididos em:

a) Atrativos naturais – “Ecoturismo, Esporte e Aventura”: A Vila abriga um pedaço de Mata Atlântica conservada em seu território, preservada através do Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba. O parque possui uma área com mais de 4 milhões de m², onde se encontram espécies de cedro, bromélias e orquídeas, além da fauna silvestre. Do alto da serra descem as nascentes do Rio Grande. Para garantir a conservação ambiental e a segurança do visitante, as trilhas têm visitação controlada, e só podem ser realizadas com o acompanhamento de monitores ambientais capacitados pela prefeitura de Santo André, em parceria com o Instituto Florestal. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 2012)

b) Atrativos Culturais – “Circuito Museológico”: O próprio slogan já diz: “Museu a céu Aberto”. Paranapiacaba possui diversos atrativos históricos: o patrimônio com casas em

estilo inglês, a história da ferrovia e crescimento e decadência deste tipo de meio de transporte. O circuito museológico foi, em 2007, escolhido pelo IPHAN no concurso de Modernização de Museus. (MORETTO NETO, 2005) Abaixo temos um mapa da vila, com os principais atrativos marcados:



- | | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|-----------------------------------|
| 1 Igreja Bom Jesus de Paranapiacaba | 8 Hospital Velho | 15 Clube União Lyra Serrano |
| 2 Cemitério | 9 Pau-da-Missa | 16 CDARQ |
| 3 Relógio da Estação | 10 Viradouro | 17 Antigo Mercado |
| 4 Estação Paranapiacaba | 11 Casa Fox | 18 Castelinho |
| 5 Passarela Metálica | 12 Antiga Padaria | 19 Campo de Futebol |
| 6 Museu do Funicular | 13 Primeiro Grupo Escolar | 20 Centro de visitantes do parque |
| 7 Largo dos Padeiros | 14 Antiga Sociedade Lyra da Serra | 21 Ruínas do Serrano AC |
| | | 22 Reservatório SPR |

Imagem 1 – Circuito Museológico. Fonte Prefeitura Municipal de Santo André.

c) Festividades Programadas: Além de ações para preservação do patrimônio e melhoria dos atrativos e serviços turísticos, era necessária a implantação de mais ações para atrair o novo perfil de turistas que se desejava. Assim, foi criado um calendário com festividades culturais programadas, que ocorrem anualmente, e atraem centenas de turistas

para aproveitar o fim-de-semana com atividades diferenciadas e dos diversos interesses culturais. Como exemplo, o tradicional Festival de Inverno de Paranapiacaba, programação natalina, baile de máscaras no Carnaval e Festival do Cambuci (fruto tradicional da região, proveniente da Mata Atlântica). (Prefeitura Municipal de Santo André, 2012)

2 IDENTIDADE CULTURAL

A identidade cultural pode ser definida de maneira geral como a relação entre indivíduos que compartilham patrimônios comuns. A busca pela identidade é uma necessidade humana e se constrói a partir de três componentes fundamentais, definidos por Ferreira (2005), como:

a) Espaço: O ser humano ocupa determinado local e começa a construção de seu espaço individual, e, posteriormente, o nacional;

b) Tempo: Trata-se do tempo histórico ao construir a história e memória para gerações futuras;

c) Movimento: As sociedades estão em constante movimento, de gerações, de povos, e por isso é tão importante a memória e a preservação do passado. A esse acúmulo de experiências, e a transmissão a outras gerações, é o que a autora define como Cultura.

Porém, tem-se que ter em mente que a construção de uma identidade nacional, muitas vezes, é restrita e representada por manifestações das classes dominantes, ou seja, não constitui verdadeira expressão da maioria da sociedade. Hall (2005, p. 65) afirma que “a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta”. O real conceito que se busca pela identidade cultural, é aquele representado pela memória e mentalidade coletiva.

Ferreira (2005, p. 35) cita: “Na construção da identidade cultural (nacional) cristaliza-se a capacidade de um povo de determinar seu próprio destino, seu porvir individual, de classe e como nação. Nisso consiste a identidade.” Desta forma, quando se quer uma dominação cultural, o primeiro passo a ser tomado, é a destruição da identidade, ou seja, controlar seu destino e pensar individual.

Com a globalização, gera uma cultura amplamente divulgada e que dilacera pequenos grupos e diversas identidades culturais. Em Hall (2005, p. 09):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do séc. XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de

classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Com essas transformações, ocorre um processo de perda de identidade, é inegável que nas sociedades modernas as mudanças são constantes e ocorrem com velocidade devastadora se compararmos às sociedades tradicionais. Laclau (1990 apud Hall, 2005, p. 16) afirma que as sociedades modernas estão constantemente se deslocando por forças que estão fora de si mesmas, ou seja, este tipo de sociedade não possui nenhum princípio organizador, e podem sofrer alterações, ou deslocamentos, como propõe, por conta das ações e influências externas. Hall (2005, p. 73): “Colocadas acima do nível da cultura nacional, as identificações “globais” começam a deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais.”

Surgem então ações de resistência, que buscam reafirmar a identidade cultural, Ferreira (2005, p. 37), ainda afirma que “[...] o grau de resistência de um sujeito individual ou coletivo é tão mais forte quanto maior for seu suporte histórico, fortalecido nas suas práticas cotidianas; da mesma forma, sua fragilidade estará baseada na ausência desses elementos.” A homogeneização cultural é constituída pela ausência de tradições específicas e distinções culturais, e é isso que vai colaborar para a desestruturação de identidades locais e regionais. Conseguir manter as tradições e o sujeito coletivo dentro de um mercado globalizado torna-se um desafio à identidade cultural.

Assim, o que se pode aliar ao turismo sustentável e cultural é que este tipo de definições de identidades culturais sejam relevados, uma vez que o que se vê é uma exploração desenfreada dos recursos locais, em prol das classes dominantes e que não respeita as comunidades receptoras em geral. Trata-se de uma exclusão da comunidade do processo.

3 ECONOMIA CRIATIVA e POLÍTICAS PÚBLICAS

Economia da cultura e economia criativa são termos recente, que basicamente dizem respeito ao valor de utilizar a cultura como fator de desenvolvimento econômico e desenvolvimento social. Pode-se dizer que, de maneira geral, o desenvolvimento econômico pode gerar mudanças culturais, onde uma população satisfeita passa a acreditar e ter mais confiança em sua própria nacionalidade. Porém, isso não quer dizer que o campo da cultura não possa utilizar os instrumentos da economia para chegar aos seus objetivos. Reis (2007, p. 7) afirma que a economia pode “[...] identificar as falhas de mercado que fazem com que nem

todos tenham acesso à produção cultural, mapeia as restrições individuais que limitam seu consumo [...].

Historicamente, a cultura nunca foi um meio econômico produtivo, apesar de do valor intangível que atividades culturais possam apresentar. Estudos mais atuais já afirmam que as sociedades compartilham de valores e idéias que podem fundamentar o comportamento econômico no geral. Contudo, é preciso entender como se acontece as políticas culturais. Segundo Reis (2007), trata-se de um conjunto de intervenções realizadas pelo diversos setores da sociedade e que tem como objetivo suprir as necessidades culturais da sociedade, promovendo o desenvolvimento. Ou seja, trata-se de uma política que não vem apenas do governo, mas sim inclui o setor privado e a sociedade civil. A cultura é um fator de importância para o desenvolvimento sustentável, através de políticas integradas (conceito de transversalidade da cultura). Segundo o artigo sobre economia criativa criado pela UNESCO (2008, p. 15), o conceito é: “A economia criativa é um conceito em evolução, com base em recursos potencialmente criativos gerar crescimento econômico e desenvolvimento”. Ainda no mesmo artigo:

a) A economia criativa pode promover ganhos de geração de renda e criação de empregos e de exportação enquanto a promoção da inclusão social, diversidade cultural e desenvolvimento humano.

b) Ela abrange aspectos econômicos, culturais e sociais que interagem com propriedade tecnológica, intelectual e objetivos do turismo.

c) É um conjunto de conhecimentos baseados em atividades econômicas com o desenvolvimento e dimensão transversal das ligações, nos níveis macros e micro para economia global.

d) É uma opção de desenvolvimento multidisciplinar viável e inovador para respostas políticas e de ação interministerial.

Porém, existe uma grande problemática dentro do termo desenvolvimento. Os países chamados em desenvolvimento sempre correm o risco de seguir exemplos de progresso em países que já possuem uma estabilidade econômica e cultural, porém esquecem que cada local possui suas peculiaridades. Não existe um modelo único de desenvolvimento, e a cultura deve ser considerada no momento do planejamento, pois só assim pode ser possível se chegar a um modelo que atenda os eixos da sustentabilidade.

A sustentabilidade define-se basicamente como um desenvolvimento que consegue atender as necessidades atuais, sem prejudicar as gerações futuras a atender suas próprias

necessidades. Assim, as políticas públicas deve se sustentar em projetos que busquem o desenvolvimento, mas através dos potenciais que já existem dentro de cada região. O chamado subdesenvolvimento não inclui apenas questões de baixa qualidade na educação, problemas de saúde pública e baixa renda. Devemos também incluir nesta lista a falta de informação e a conseqüente redução na capacidade de reflexão das pessoas. Para a erradicação da pobreza devemos pensar não somente nos valores, mas também em toda a estrutura que sustenta as bases do desenvolvimento. (SWARBROOKE, 2000)

1.2 Plano Patrimônio de Paranapiacaba

Anteriormente ao atual planejamento, muitos outros foram criados, sem sucesso efetivo. A vila se originou de uma comunidade ferroviária, formada por trabalhadores da antiga linha da SPR e seus familiares. Após a decadência do transporte férreo, muitos trabalhadores abandonaram o local, outros continuaram por lá, e alguns vindos de fora se instalaram nas casas antigas (início do processo em meados do ano de 1940). Assim, após algumas décadas sem nenhum tipo de intervenção pública, após um incêndio suspeito, e com muitos turistas mochileiros indo conhecer e usufruir da região, foi entendido que era necessária um planejamento para ressuscitar a vila, e transformá-la em algo que pudesse trazer algum retorno econômico e social. (CASTILHO, 1998)

As primeiras movimentações ocorreram em 1982, com a criação de um organização civil, o movimento Pró Paranapiacaba. Esse movimento conseguiu apenas uma lei que regulamentava a proteção ambiental e cultural do local. Nos anos conseqüentes, outros planos foram criados, que visavam a restauração do patrimônio, turismo ecológico, turismo cultural, ações de inclusão da comunidade, entre outras, mas que não conseguiram sair do papel. As principais razões foram a escassez dos recursos financeiros, falta de interesse por parte do Estado e falta de sequência de ações, o que causou o fracasso das ações. (CASTILHO, 1998)

O Plano Patrimônio de Paranapiacaba foi criado em 2002 e analisa os recursos existentes e faz a formulação de ações de curto, médio e longo prazo, relevando o patrimônio local, a cultura, e o bem-estar da população. Um calendário de eventos culturais foi elaborado com a finalidade de atrair um público que realmente se interessasse pelo local e suas festividades, trazendo retornos financeiros e movimentando a economia local. Foram realizadas pesquisas de imagem (a maioria associava a vila à acontecimentos negativos);

acessibilidade (difícil acesso via carro e por transporte público); sobre o perfil dos turistas (maior parte vão à passeio, e não passavam uma noite na vila); sobre os possíveis recursos a serem explorados por uma atividade turística cultural; oferta de produtos; e uma pesquisa interna contando com os moradores e comerciantes sobre como enxergavam a vila e sobre seu futuro. Através deste estudo, foi possível concluir que o principal movimentador da economia seria a atividade turística cultural. (MORETTO NETO, 2005)

Era necessário aumentar a oferta de produtos turísticos, mas também, melhorar a estrutura e o que já existia na vila. Este trabalho foi feito através de um desenvolvimento de novos produtos, qualificação dos serviços e divulgação dentro do mercado turístico. Em Moretto Neto (2005), são citados os cinco eixos estratégicos para o desenvolvimento do turismo sustentável, que são:

a) Divulgação e conscientização turística: a população recebeu informações sobre como agir e colaborar com o desenvolvimento do turismo cultural em uma área de proteção ambiental e patrimonial;

b) participação popular: foram criados conselhos de representantes, câmaras técnicas, orçamento participativo, comissões e reuniões informais;

c) desenvolvimento sócio-econômico: incluía ações de qualificação profissional, desenvolvimento de empreendimentos e da organização da comunidade em associações ou cooperativas;

d) gestão do patrimônio: por ser uma área tombada, seria necessário organizar os imóveis, regulamentar e definir o uso deles pela prefeitura e pelos moradores;

f) adequação de infraestrutura: seria necessário adequar o local, mas sempre lembrando que se trata de uma área que possui restrições para modificações dos edifícios e em todo o sítio.

Incluir os moradores envolveu a estratégia do empreendedorismo social, como denomina Moretto Neto (2005). Nesta ação, a Prefeitura Municipal de Santo André procurou fornecer subsídios e cursos para que pudessem abrir, ampliar ou aperfeiçoar os serviços que prestavam aos turistas que visitavam a vila. Desta forma, estariam colaborando para o aumento da circulação dos recursos do próprio local e para autogeração de renda e empregos. Este plano de ação acabou criando o programa “Portas Abertas”. O Programa Portas Abertas consiste em vários empreendimentos caseiros, onde os moradores oferecem, dentro de suas casas, serviços como:

a) Bed & Breakfast: para os turistas, existem diversas opções dessas aconchegantes hospedagens, onde é oferecido um cômodo da casa aos hóspedes por um preço bem acessível, incluindo café-da-manhã;

b) Ateliês residências: os artesãos da vila podem mostrar seus trabalhos, expondo e vendendo-os em suas casas;

c) Fog e Fogão: nestes empreendimentos, os turistas e visitantes podem desfrutar de refeições caseiras em cômodos da casa que viraram pequenos restaurantes;

d) Espaço Gastronômico e Entreposto Cultural: funcionam dentro o antigo mercado e é um espaço onde artesãos e quituteiras podem oferecer seus produtos e obras para os interessados. Porém, cabe observar que durante as pesquisas de campo, este espaço não estava mais em funcionamento. (MORETTO NETO, 2005)

3 ANALISE DOS DADOS

Foi utilizada uma entrevista, publicada originalmente no trabalho de conclusão de curso de Fugita (2009), com o Sr. Marco Moretto Netto. Atualmente é o gerente de projetos turísticos no Departamento de Turismo do município de Santo André. A entrevista foi realizada em Agosto de 2009, na época também gestor do turismo e patrimônio do município. Moretto Netto esteve presente durante todos os anos desde a compra da vila pela PMSA. Primeiramente, em 2001, ao se criar a subprefeitura, Moretto Netto era gerente do departamento de Cultura, Esporte e Lazer. Posteriormente foi responsável pelo departamento de desenvolvimento social, onde eram administradas as questões de cultura, esporte e lazer e os projetos de participação popular e geração de renda.

Dentro da visão administrativa, Paranapiacaba está caminhando para se tornar um destino turístico dentro dos moldes da sustentabilidade. Anteriormente à compra da vila pela PMSA, o local estava praticamente abandonado desde a decadência do sistema ferroviário. Muitos moradores deixaram a vila, e muitos invadiram as casas deixadas, uma vez que não possuíam donos, e não havia a necessidade de se pagar aluguéis. Moretto Netto falou durante a entrevista sobre essa dificuldade ao iniciar os projetos de planejamento turístico, uma vez que haviam diferentes tipos de moradores, e que existiam lideranças locais informais, aos quais gozavam de privilégios e faziam uma gestão a favor do bem próprio e não do coletivo. Um

dos tipos de moradores era aquele ligado à rede ferroviária. Estes desacreditavam o turismo da vila, e queriam que o local voltasse a viver da ferrovia, como cita Moretto Neto.

[...] Um outro [problema], era um problema cultural, porque as pessoas tinham uma memória relacionada à ferrovia, a memória que eles tinham em relação ao turismo era relacionado ao modelo de turismo que eles conheciam. E qual que era o modelo de turismo que eles conheciam? Era aquele modelo predatório, um modelo que não trazia para eles nenhum tipo de benefício. Então, eles conheciam o que? O mochileiro que vinha pra cá, com uma garrafinha de vinho debaixo do braço, com o dinheiro contado da passagem, não deixavam nenhum centavo aqui na vila. Perturbavam o sossego dos moradores, degradavam o patrimônio, degradavam o meio ambiente [...] (FUGITA, 2009, p. 56)

Além dos problemas com os turistas predadores, haviam também os moradores sem vínculo com a ferrovia, que habitaram a vila depois de invasões. Este tipo de moradores não possuíam vínculos com vila e, conseqüentemente, não colaboravam com a preservação do patrimônio. Essas duas realidades geraram conflitos em um primeiro momento para a implantação de qualquer política de intervenção. Isto é citado neste trecho da entrevista:

Havia aquele outro tipo de morador usando o patrimônio de uma maneira desrespeitosa. Então, você tinha primeiro esse perfil social bastante complexo, que eram perfis diferentes e em conflito. Assim, você tinha ausência completa de poder, de poder instituído. Porque a rede ferroviária era ausente. Na ausência da rede, deu-se espaço para uma série de pessoas criarem pequenos nichos de micro poder, e que viviam em conflito constante. E que tinham como objetivos mais proveito pessoal do que o proveito coletivo. (FUGITA, 2009, p. 57)

O que foi feito inicialmente foi criarem formas de contato com os moradores, para que eles se informassem sobre o que iria acontecer, quais eram as políticas que estavam sendo propostas. Além desse contato com a população, era necessário mudar o perfil dos turistas, uma vez que o modelo que se apresentava era o de turismo predatório, e a população tinha aversão a esse tipo de visitante. O festival de inverno veio como uma ação de maior impacto, onde se pôde mostrar a todos que com ações contínuas seria possível fazer do turismo a grande vocação da vila. Foram uma série de ações simultâneas, como citado no trecho a seguir:

E a imagem que você tinha do local, era uma imagem de um lugar abandonado, freqüentado por pessoas não muito recomendadas e que as próprias agências e entidades relacionadas ao turismo não recomendavam. Então tinha de ser feita uma série de ações que atuassem nestes nichos todos de maneira simultânea. (FUGITA, 2009, p. 57)

Em um primeiro momento, muitos achavam que a programação do Festival de Inverno era elitizada, mas isso fazia parte da estratégia da prefeitura para atrair os turistas que interessavam.

O Plano Patrimônio, que seria o planejamento de políticas públicas da vila, em um primeiro momento, se concentrava em atrair capital externo, para, desta forma, atrair turistas, desenvolver o local, e criar postos de trabalho aos moradores. Mas este tipo de projeto não daria certo em um local que já possuía diversos problemas sócio-econômicos e culturais. Além de não ser o tipo de política que ajuda no desenvolvimento sustentável de um local. Assim, se criou a atual versão do plano, que dava uma oportunidade dos moradores estarem trabalhando a favor do turismo, sendo pequenos empreendedores da área. O Plano Patrimônio serviu para diagnosticar os principais problemas e potenciais de Paranapiacaba.

Já o projeto Portas Abertas, como Moretto Neto explicou durante a entrevista, surgiu da iniciativa dos próprios moradores em abrir os seus negócios. Inicialmente, foi cedido o espaço do antigo mercado para artesãos e artistas estarem expondo seus trabalhos, o que foi denominado de Entrepasto Cultural. Conseqüentemente, surgiram os ateliês residências, onde os moradores mostravam seus trabalhos em sua própria casa, em um ateliê caseiro. Surgindo os ateliês residências; outros moradores resolveram aderir a experiência, e passaram a pedir autorização para outros tipos de comércios, como restaurantes ou pequenas pousadas, o que posteriormente foi denominado de Portas Abertas. Como a prefeitura tinha o interesse nesta iniciativa, passou a dar incentivos e cursos para colaborar na prestação de serviços aos turistas. Um dos incentivos foi o desconto nos aluguéis dos imóveis, e isso colaborou, de certa maneira, para uma maior adesão dos moradores: *“Num primeiro momento, as pessoas aderiram porque elas tinham desconto nos aluguéis, não era porque elas achavam o turismo uma opção interessante.”* (FUGITA, 2009, p. 58) Já os cursos eram feitos para uma melhoria na mão-de-obra, que não tinha experiência ou qualificação na área do turismo. Eram cursos básicos de hotelaria e gestão, onde aprendiam como arrumar uma cama, ou como manipular alimentos. Mas além destes fatores, eles recebiam informações sobre a importância da vila, do porquê era importante desenvolver um empreendimento no local, para assim repassarem informações aos turistas e, também, darem valor ao patrimônio.

Para a comunicação entre prefeitura e moradores foi criado o Conselho de Representantes. O conselho possuía representantes dos diversos atores sociais da vila e da região, como os moradores, industriais e comerciantes. Na indústria, os conselheiros eram eleitos por indicação da maioria, mas já para os comerciantes e para os moradores, eram feitas eleições para a escolha dos representantes. Nas reuniões só eram convocados os conselheiros da região ou dos assuntos específicos a determinado grupo social, por exemplo, se fosse uma

reunião que fosse sobre assuntos exclusivos à comunidade da vila de Paranapiacaba, eram chamados somente os conselheiros que representavam este nicho.

3.1 Entrevista com moradores

Foram realizadas duas entrevistas com antigos moradores da vila, ambas em 18 de Fevereiro de 2012. Primeiramente, vamos analisar o que o Sr. Luis diz com sua visão mais insatisfeita. O morador entrevistado possui 44 anos, e há nove trabalha como artesão na vila. A profissão veio como um *hobbie*, após ter sofrido um acidente que o deixou com os movimentos de uma de suas mãos paralisados. Segundo Luis, foi a própria prefeitura que o procurou para estar participando do programa, uma vez que produzia casinhas feitas com palitos de sorvete e churrasco com uma riqueza de detalhes impressionante. Segundo o entrevistado, a principal motivação para ter entrado no Portas Abertas foi o desconto no aluguel que a prefeitura oferecia, porém, o mesmo se mostra descontente, uma vez que o valor teve um acréscimo recente. Contudo, a principal reclamação feita pelo morador é o fato de a vila não ter movimentação de turistas suficiente para trazer renda através do ateliê, sendo necessário outras pessoas da família trabalharem para ajudar no sustento da casa. Outra questão apontada é o fato de ter de abrir o comércio todos os dias, senão os moradores são obrigados a pagar uma multa (acrécimo no aluguel do imóvel) mensal. Nesta passagem da entrevista é falado sobre esses problemas estruturais:

Do portas abertas, olha, se tivesse um investimento, se eles trabalhassem certo, seria uma boa, foi uma boa prestação que eles fizeram esse portas abertas, sabe? Por que abaixou aluguel e tem muitos outros meios aí. Isso aí foi bom. Só que não cumpriram. Fizeram isso aí, mas vai vender pra quem minha filha? Tem o portas abertas, mas vai vender a mercadoria pra quem. Estamos esquecidos, o pessoal aqui dessa vila foi esquecido.

O que se vê, também, é uma grande revolta do morador em relação à gestão anterior, e aos problemas estruturais que a vila ainda passa para o desenvolvimento do turismo. Abaixo, algumas passagens em que o entrevistado fala sobre a gestão anterior:

Deixaram muito enrolado...muito enrolado, até hoje eles não estão sabendo o que fazem. Essa gestão agora, estão tudo perdidos, praticamente estão perdidos. [...] Ao contrário do outro, que só faltava bater na cara dos moradores, está entendendo? Ignorantes, muitos, estou falando aqui pra você, é só procurar a população daqui. [...] Apontavam o dedo na cara de gente, e diziam vocês tem de fazer o que nós mandarmos. E nós não estamos aqui pra isso, somos moradores da vila pra ficar empurrando isso e aquilo aqui no endereço

Assim, vimos a posição descontente deste morador, que apesar de apoiar a iniciativa do Portas Abertas, não teve o retorno financeiro esperado, e culpa, em certa parte, a prefeitura pela má gestão e abandono da população. Já dona Francisca tem uma visão totalmente oposta. Residente antiga, e como ela mesma diz: *“Eu fui a primeira artesã da vila”*.

Dona Francisca, de 78 anos, vê com bons olhos as mudanças ocorridas na vila. E contradiz, em certos pontos, o Sr. Luis. Neste trecho, Dona Francisca fala que os moradores, por livre vontade, abriram seus comércios, e passaram a trabalhar na vila, confirmando, também, o que Moretto Neto citou em sua entrevista. Segue o trecho que comprova isto:

Não, quando a primeira prefeitura veio, que era do PT, eles nunca perguntaram nada se queriam ficar nas casas, se queriam fazer o comércio. Isso foi de livre e espontânea vontade do povo, porque o povo estava precisando mesmo. Isso aí é uma coisa benéfica para gente, eu não vou dizer para você que não é, porque eu estaria mentindo. Porque você aí ganha o seu dinheiro. O pouco ou muito, mas você ganha. Você não pode, então o comércio é muito importante pra vila por causa, também, do turismo

Para ela, montar um próprio comércio colabora no sustento e no ganho da família, além de colaborar para os serviços turísticos. Os festivais e demais atividades culturais que ocorrem na vila ajudam os moradores a venderem seus artigos e serviços, e que, assim, a prefeitura está caminhando para a melhoria da qualidade de vida da população; se não fosse o turismo, os moradores não teriam como sobreviver no local. A entrevistada também afirma que o turismo ainda está em uma fase inicial, e que tem potencial para um futuro promissor, como afirma neste momento da conversa:

No turismo, o maior problema, eu acho que não tem, viu. Porque aqui nós ainda estamos praticamente começando. Aqui para você por um turismo mesmo, pôr um teleférico, arrumar a estrada que vai pra Santos, que é a estrada dos ingleses, que a gente podia descer a pé e subir de teleférico, entende? Aí já é outra coisa, isso aí vai dinheiro, vamos ver se os políticos, eu já falei muito, se os políticos vêem isso e fazem isso aí, aí o turismo vai de vento em poupa. Com tudo que nós temos, a mata aí, aqui tem bastante turista.

Já um grande problema apontado seria o fato dos moradores não se unirem por uma causa comum. Para ela, deveria haver uma mobilização para que todos pudessem colocar seus anseios para a prefeitura, fazendo com que os órgãos públicos possam intervir com ações para melhorar a vila. Dessa forma, a entrevistada afirma que o fato dos moradores não se unirem: *“É uma barreira, eu acho que é, porque se nós todos nos uníssemos, fôssemos na prefeitura, mostrássemos a necessidade da vila, o que precisa na vila.”* Já em outro trecho:

Não participam. Só reclamam, entende? Porque não é só reclamar, o negócio é ir atrás. Que nem eu pedi o trem pro Suplicy, você vê, eles puseram de Santo André à Jundiá, o trem turístico, veio também pra nós aqui. Ninguém foi, ninguém se reuniu, viu, muito pelo contrário, vieram aqui me criticar, entende?

Portanto, vimos o que Dona Francisca fala sobre o turismo na vila e sobre o programa Portas Abertas, afirmando, inclusive, que não existe problema em pessoas de outras regiões colaborarem para atender a demanda de turistas durante as festividades programadas, como no caso do Festival de Inverno. Neste evento, foi observado que a maioria das barracas de comida e bebidas montadas nas ruas eram de trabalhadores de regiões vizinhas, do grande ABC. Outra questão em que todos concordam é com a vinda do trem até Paranapiacaba, que traz retorno positivos à região. O denominado “expresso turístico” que já está funcionando para o trecho que liga a capital à Paranapiacaba, com parada na estação de Santo André, funciona somente aos Domingos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo de caso foi possível analisar como a Economia Criativa pode colaborar para o desenvolvimento de uma comunidade receptiva de um turismo cultural. Através de ações que possam incentivar o desenvolvimento sustentável, e de iniciativas da própria população local, é possível criar uma relação sócio econômica vantajosa tanto para a comunidade que está recebendo, para os turistas, e também para a própria prefeitura do local.

Porém, ainda há muitos ajustes a serem realizados para se alcançar um desenvolvimento que pode considerar-se realmente como sustentável. Foi notado que alguns moradores se mostram insatisfeitos com os planejamentos implantados, e outros já se mostram mais otimistas, o que leva a refletir sobre questões de políticas assistencialistas à população. Muitos esperam que o próprio governo resolva todos os problemas da sociedade em políticas de intervenção total do Estado. Porém o que se espera de uma boa administração é que ela crie ferramentas e condições para que a própria população possa resolver problemas de âmbito coletivo.

O fomento ao turismo cultural e aos empreendimentos caseiros são uma das formas da administração criar formas dos moradores melhorarem suas condições de vida através da atividade econômica local. Pode-se considerar que os conceitos da economia da cultura e economia criativa são aplicados, e com resultados positivos. Os anseios da própria população são relevados e os potenciais econômicos também incluídos nos planejamentos.

Portanto, mesmo que ainda exista problemas estruturais, este é um modelo que se seguido por planejadores de turismo cultural e economia criativa, trará retornos para a sociedade, meio ambiente e também governos.

Referências

CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **A vila de Paranapiacaba e a problemática da intervenção**. 1998. Dissertação (Tese de mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998

FERREIRA, Maria Nazareth. **Identidade cultural e turismo emancipador**. CELACC-ECA/USP: São Paulo, 2005.

FUGITA, Susan. **A vila de Paranapiacaba e a participação comunitária: Construindo uma destinação turística**. Dissertação (tese de bacharelado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós Modernidade**. São Paulo: DP&S editora, 2006.

MORETTO NETO, Marco. **Protagonismo Comunitário em Paranapiacaba: O impacto das ações governamentais no desenvolvimento sócioeconômico-comunitário da Vila de Paranapiacaba no período de 2001 a 2004.** Dissertação (tese de mestrado) – Faculdade de Administração, Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Caetano do Sul, 2005

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da Cultura e desenvolvimento sustentável. O caleidoscópio da cultura.** São Paulo: Manole, 2007

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: Turismo Cultural, Ecoturismo e ética**, vol 5
São Paulo: Aleph, 2000.

UNESCO. **Creative Economy Report.** UNCTAD 2008.

CPTM. Disponível em: <http://www.cptm.sp.gov.br/e_operacao/exprtur/parana.asp> Acesso em 03/03/12

Prefeitura Municipal de Santo André. Disponível em: <<http://www2.santoandre.sp.gov.br/page/171/49>> Acesso em 21/01/12